

ALMEIDA, Guilherme de. Afinal !. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 23 de maio de 1929. p.4<sup>1</sup>.

... Afinal, acreditei no cinema nacional ! (Isto rima e é verdade).

Que foi? Algum dramalhão crioulo com bugres, pretos e galegos insuportáveis? Algum horror patriótico fazendo cócegas na história e no resto da humanidade? Algum caipirismo grotesco, com tatus sorrateiros, enlambuzados de terra vermelha, es-corregando ou trepando por literaturas lamentáveis? Algum histerismo melindroso e almofadado, com toalhinhas de crochet, cadeiras austríacas e “cachê-pots” degradantes nos interiores teatrais, e costeletas ou “accroche-coeurs”, olheiras ou “ratazanas” nas caras também teatrais? Que foi?

Apenas uma coisa linda, chamada *São Paulo: A Symphonia da Metrôpole*, que foi executada aqui, em surdina, sem qualquer auxílio estranho, sem qualquer “cavação” comodista, sem qualquer cabotinismo, e sem reclames, e sem espalhafatos, e sem escândalos, e sem espetaculosidades, e sem ridículos. Apenas a obra paciente, constante, espontânea, sincera, simples, sadia e comovedora de dois amigos – Rodolpho Lustig e Adalberto Kemeny – trabalhando juntos, harmoniosamente, com o sacrifício de tudo- tempo e dinheiro- e apesar de tudo, e apesar de todos. Trabalhando, durante quatorze meses, ali na “garçonnière” da rua Jaceguay, 99, onde tudo é pequeno, mas bom e completo: os laboratórios, o aparelho hamento geral, a sala de projeção.

*São Paulo: A Symphonia da Metrôpole* é toda a vida desta cidade que tem que ser o nosso amor- porque ela é todo o nosso desejo, todo nosso pensamento, todo nosso orgulho, toda nossa alegria e também, à vezes, toda nossa tristeza - a vida de são Paulo, contada de uma maneira bonita e rápida, clara e convincente. Toda a nossa vida de todos os dias na nossa cidade de sempre. Não! Não é um filme natural, mas um poema. Não são apenas flagrantes casuais, sem nexos, nem finalidade; são instantâneos felizes de momentos significativos inteligentemente observados e analisados, tratados com carinho e ligados uns aos outros por um fio delicado, uma sequência fina, que ora entusiasmo, ora alegre, ora comove, mas sempre agrada. Uma inspiração de poeta humanizou o olhar sensível daquela objetiva e a câmera tornou-se um habitante de São Paulo, bem bairrista, bem conhecedor da sua cidade, das suas belezas e dos seus valores. Caminha por ali, essa câmera madrugadora e esperta, desde as primeiras claridades pelas ruas ainda úmidas do sereno e vazias de vida, até o suado

<sup>1</sup> Este documento foi utilizado na dissertação *Cinema contra cinema: o cinema educativo em São Paulo nas décadas 1920/30*, de Angela Aparecida Teles, defendida no Programa de Pós-Graduação em História da PUC-SP, em outubro de 1995.

entardecer citadino, quando as sombras se alongam em espreguiçamentos de cansaço, por estes asfaltos cosmopolitas e laboriosos. Tudo o que é a história anônima, o romance coletivo cotidiano, e o obscuro de uma grande cidade moderna, essa câmera soube ver, estudar e contar. Inteligente e sensitiva, tudo ela conseguiu. Tudo... Até mesmo convencer da possibilidade de um cinema nacional certo sujeito bastante cético, bastante pessimista e bastante antipático, que costuma assinar simplesmente- G.

Pós-scriptum- Há uma porção de coisas, ainda, valores intrínsecos, que preciso dizer sobre esta primeira produção da Rex Filme. Mas, isso fica para depois de amanhã.

G.